

## BRASÍLIA

# Cidade desobedeceu às leis da prancheta

*As escolas cresceram, as esquinas incharam: tem cheiro de folia pintando no Planalto*

Allton C. Freitas

## Tetê Catalão

Editor-assistente

O samba não "sambou" em Brasília. A cidade que foi montada feito maquete está sobrevivendo aos seus planejadores. Amplia-se o desejo de reinventar o espaço, transgredir o gabarito. Este Carnaval foi ótimo para tais vãos. As esquinas brotaram à revelia dos administradores. A cultura mostrou-se mais vigorosa que as tais "políticas culturais". O Carnaval dá esta chance de cada um perceber que o cidadão é o autor da autoridade. Exatamente na cidade do Estado que é capital, um brasileiro tem muito mais esforço para se libertar das tutelas (explícitas ou sutis) que se enredam no caminho da folia.

### Escolas

Um som sob liminar não podia dar outra: vexame. Enquanto no Rio reclamava-se de um som "tão perfeito" que prejudicava a audição do coro, aqui, um sistema foi o responsável pelo atraso de três horas no desfile das Escolas de Samba, no sábado. A punição foi a chuva. Se o desfile fosse realizado no tempo normal estaria terminando exatamente quando caiu a chuva. Ironias meteorológicas aos burocratas.

O grande dado deste desfile é a revelação do potencial da Capela. Há muitos anos a Capela fica na tentativa. Se não foi um deslanche, ela conseguiu se aproximar. Taguatinga é uma espécie de "cidade com cara de cidade" para nós que vivemos certas abstrações de prancheta. Assim como Cruzeiro é um "bairro com cara de bairro". A Capela parece definitiva em seu formato. Só vai crescer.

Quem cresceu muito foi a Escola da Asa Norte. Os Acadêmicos vieram em menor quantidade, porém, mais compactos. E trouxeram excelente resultado plástico nas alegorias encomendadas ao cenógrafo de teatro (Grupo Pinta e Borda) Milton. Encomenda, foi o caso. Milton teve a tarefa de fazer em dois meses o cavalo alado e a cuca (jacaré). Foi o grande dado no desfile. Inclusive pela técnica usada: espuma de polipropileno. Veríamos depois a mesma técnica "confirmada" nada mais, nada menos, pela poderosa "Beija" do não menos poderoso Joãozinho Trinta naquele dinossauro comendo o povo.

Aruc fez o que sabe fazer, e bem. Mas foi bom saber que as irmãs estão crescendo. Obriga a melhorar. Tira o ar de burocracia. Bota sangue novo na roda.

### Esquinas

O dado desarticulador do carnaval programado foram as "batalhas" que vão pipocando em regime aberto e saudável de autonomia. O bar Esquina chegou a ser um coreto permanente com caixas de som na calçada. Barraquinhas se formaram e a coisa invadiu quadras. Maravilhosa rebeldia que decidiu "não entrar nos eixos" não se enquadrando e foi à luta.

O baile da terceira idade, desta vez no Congresso (o Gran Circo mudava de lona) sempre simpático entre os bailes de clube, onde prevaleceu o "fé na tábua e pé na vida".

Os clubes adotaram a lambada e suas vertentes. Natural. Como grandes danceterias. Afinal não há regimento para se escolher um ritmo oficial. O que mexer, vale. Obviamente mexer batendo as coxas

torna tudo muito mais atraente. Mas não faltaram dedinhos pra cima no tipo "bons tempos". Destaque para o late e o Motonáutica. O Primavera de Taguatinga não deu certo no que seria o "carnaval da mudança".

Nas satélites os blocos de sujo ficaram mais restritos aos círculos de bares, sem circular. Exceto o Cruzeiro com as Piranhas e o Guarã com alguns "passeateiros" dando volta. No Cruzeiro a tradição carioca (principalmente da zona rural) dos "bate-bola" ocuparam as ruas. Grupos de até vinte meninos saíram dando porrada com suas bexigas (antes de porco, hoje plástico ou um meião com uma bola de "beti" dentro). A Acadêmicos da Asa Norte homenageou esta tradição com um grupo no fim do seu desfile. Aliás, as Escolas de Brasília em busca de uma identidade (pois o Rio é insuperável) poderiam incorporar os "bate-bolas" no encerramento. Tipo "oficial", como a divina ala das baianas. Os "bates" democratizam o brincar mascarado. Mesmo

quem não tem a fantasia folgada com máscara de tela e apito, vestem-se com camisas na cabeça e viram uma espécie de "ninjas" ou "guerrilheiros" da folia.

### Pacotão

Foi a mais tumultuada saída do bloco. Entraves com o nosso querido Celso que também fez a história do bloco. Pendengas desagradáveis quanto a cheques e contra cheques. Resultou um travo amargo que deve ser curado. Até uma espúria camiseta de um candidato a qualquer coisa apareceu na banda. Pegou mal também para o tal candidato. Streap-tease feito e banda vestida fot à luta. Como sempre à marcha do ano "empacotou". E tome ayatolá e lulalá (o novo hit). Estranho foi o sumiço das faixas. Tem gente que jura ter visto garotões atléticos infiltrados e uma fuga num Opala bege sem placa. As faixas só duraram até um pouquinho antes do viaduto. E tinha coisa como: "Ou vai ou raia", "Quem Collor consente", "Não me deixem sóbrio", "Marajo-

nha Jones", "Mais caráter e menos caratê", "Menas maracutaia", "Moa minha tirana", "Saudades do Carlão", "Viva o rabo da raia" etc. Um bloco declaradamente petista desfilou dentro. Assim como as "meninas de fucô" da UnB que tinha até uma capa deste **Caderno 2** pendurada como estandarte. O "Bota boca na latinha" dos radialistas também esteve rondando e o "Sapatão lilás" ficou à deriva.

Ontem, com este papo de grana, a banda ficou no **over** e bloco a ver navios. Aí baixou o poderoso Reco e Armandinho mais o nosso primeiro trio (chega de três porquinhos), o Trem das Cores. E aí só não foi quem já morreu.

A cidade sobreviveu aos seus administradores. Cada ano o brasileiro descobre que não adianta esperar "o carnaval de Brasília". Ele é o carnaval. Se não sai, não tem. Se não vai, não faz. Seja lambada, lambança ou lambido, o Carnaval de Brasília terá a cara que a gente mostrar. Vai valer até pierrot metaleiro.



O Pacotão saindo da W/3 Norte para a Sul na base do "quanto pior melhor": nem tanto. Onde foram parar as faixas?